

Causas de morte

2017

A mortalidade por tumores malignos da traqueia, brônquios e pulmão regista valores significativos a partir dos 45 anos

Em 2017, as doenças do aparelho circulatório e os tumores malignos continuaram a ser as duas principais causas básicas de morte no país, representando 29,4% e 25,0% do total de mortes, respetivamente. Prosseguindo a tendência observada nos últimos anos, a mortalidade associada às doenças do aparelho circulatório continuou a diminuir, ao contrário da relativa aos tumores malignos, que continuou a aumentar. As doenças do aparelho respiratório mantiveram-se como terceira causa de morte, com 11,6% da mortalidade total ocorrida no país.

As doenças cerebrovasculares, também designadas por acidentes vasculares cerebrais (AVC), estiveram na origem do maior número de óbitos (11 270), representando 10,2% da mortalidade em 2017.

As mortes por doença isquémica do coração representaram 6,6% da mortalidade (7 314 óbitos). Em comparação com outras doenças do aparelho circulatório, nomeadamente as doenças cerebrovasculares e o enfarte agudo do miocárdio, a doença isquémica do coração registou relativamente mais mortes nos grupos etários inferiores a 65 anos.

No conjunto dos tumores malignos, destacaram-se as mortes provocadas por tumores malignos da traqueia, brônquios e pulmão, que representaram 3,8% do total, e as causadas por tumores malignos do cólon, reto e ânus, com 3,5%. A taxa bruta de mortalidade devido aos tumores malignos da traqueia, brônquios e pulmão regista valores significativamente crescentes para 45 e mais anos.

A pneumonia é uma das principais doenças do aparelho respiratório e causou 5 623 óbitos em 2017, representando 5,1% na mortalidade em 2017.

O Instituto Nacional de Estatística (INE) divulga a publicação "[Causas de morte 2017](#)" que apresenta os resultados estatísticos relativos à mortalidade por causas de morte em Portugal em 2017.

Em análise estão 55 grupos de causas de morte, baseados na lista «OECD Health Data» da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) e que incluem as principais causas de morte por doença, destacando-se os tumores malignos, as doenças do aparelho circulatório, do aparelho respiratório e as doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas, bem como as mortes por causas externas de lesão e envenenamento.

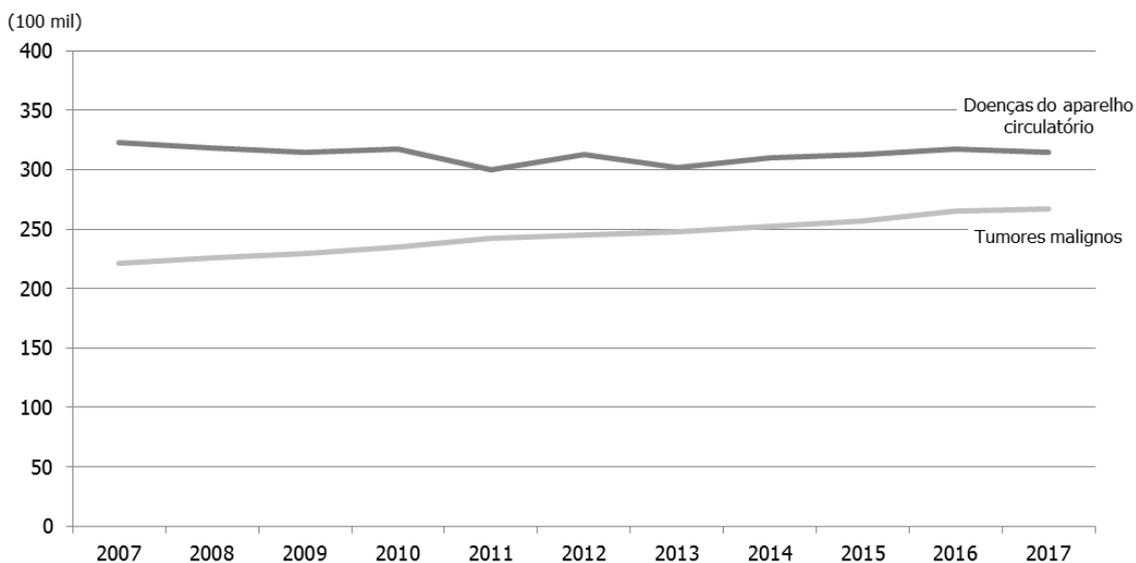
Para cada grupo de causas de morte são apresentadas contagens do número de óbitos por sexo, grupo etário e região de residência dos falecidos, bem como alguns indicadores derivados: *Relação de masculinidade dos óbitos*; *Idade média ao óbito*; *Taxa bruta de mortalidade*; e *Número médio de anos potenciais de vida perdidos*, entre outros.

A taxa de mortalidade das doenças do aparelho circulatório continua a diminuir em relação à dos tumores malignos

Em 2017 registaram-se 110 187 óbitos no país. Em conjunto, as doenças do aparelho circulatório (29,4%) e os tumores malignos (25,0%) estiveram na origem de mais de metade (54,4%) dos óbitos ocorridos no país em 2017, constituindo as duas principais causas básicas de morte.

As taxas brutas de mortalidade por doenças do aparelho circulatório e tumores malignos foram, respetivamente, de 314,2 e de 267,0 por 100 mil habitantes. Nos últimos 10 anos, a tendência foi de decréscimo do número óbitos por doenças do aparelho circulatório e de aumento dos óbitos por tumores malignos, resultando na convergência entre as duas taxas de mortalidade.

Figura 1 - Taxas brutas de mortalidade por doenças do aparelho circulatório e por tumores malignos, por 100 mil habitantes, no país, 2007-2017



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Os AVC foram a doença do aparelho circulatório que mais mortes causou: 10,2% das mortes em 2017

Em 2017, as doenças do aparelho circulatório continuaram a constituir a principal causa de morte no país, com 32 366 óbitos, ou seja, 29,4% da mortalidade total ocorrida no país, menos 1,3% que em 2016 (32 805 óbitos).

As doenças cerebrovasculares, também designadas por acidentes vasculares cerebrais (AVC), estiveram na origem do maior número de óbitos (11 270), representando 10,2% da mortalidade em 2017 e uma taxa de 109,4 mortes por 100 mil habitantes. Este resultado reflete uma melhoria em relação a 2016, em que se tinham registado 11 738 óbitos (mais 468 mortes que em 2017), correspondendo a 10,6% e uma taxa de 113,7 óbitos por 100 mil habitantes.

Em 2017, as mortes por AVC atingiram principalmente as mulheres, com uma relação de 77,2 óbitos masculinos por 100 femininos. Contudo, as mulheres morreram relativamente mais tarde devido a esta doença: a idade média ao óbito para as mulheres foi de 83,8 anos e para os homens de 80,0 anos.

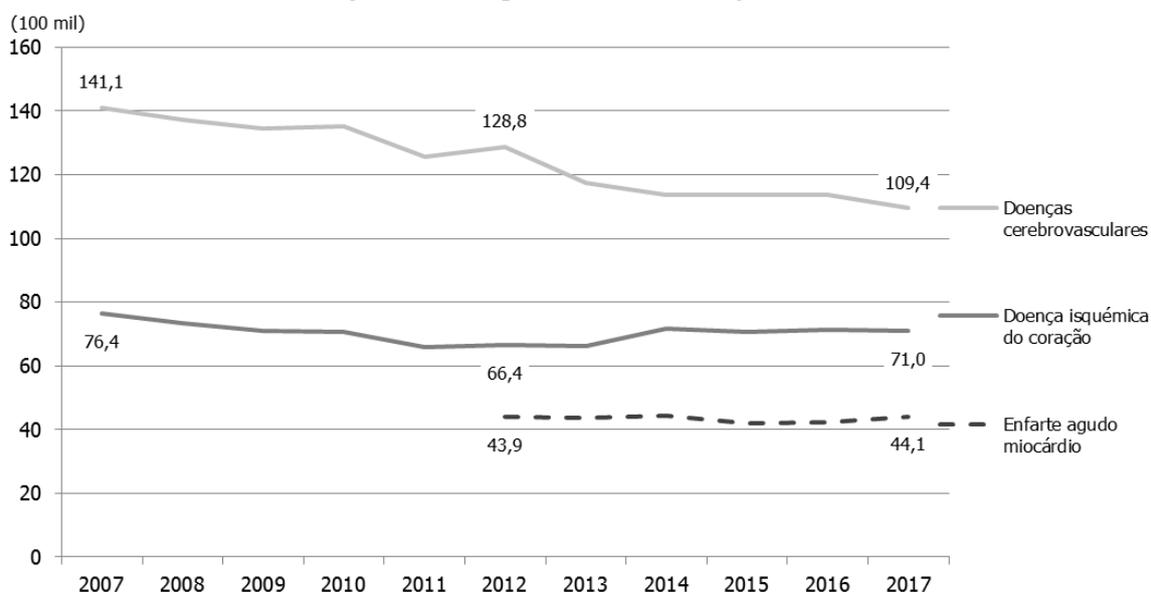
Do total de óbitos por doenças cerebrovasculares, 93,4% foram de pessoas com 65 e mais anos e 82,9% de pessoas com 75 e mais anos, obtendo-se um número médio de anos potenciais de vida perdidos de 10,1. As correspondentes taxas brutas de mortalidade (cf. página 7, Figura 4.A) registam um crescimento considerável em idades mais avançadas: 105,1 por 100 mil habitantes dos 65 aos 74 anos, 479,7 dos 75 aos 84 anos, e 1 930,9 para os 85 e mais anos.

Mas, no conjunto das doenças do aparelho circulatório, a mortalidade por AVC foi a que mais diminuiu nos últimos 5 anos

A taxa bruta de mortalidade por doenças cerebrovasculares registada em 2017 (109,4 óbitos por 100 mil habitantes) foi inferior em 31,7 óbitos por 100 mil habitantes em relação ao valor de 2007 (141,1) e em 19,4 por 100 mil habitantes em relação a 2012.

Também a taxa bruta de mortalidade por doença isquémica do coração foi em 2017 (71,0) inferior à registada em 2007 (76,4), todavia superior aos valores da ordem dos 66 óbitos por 100 mil habitantes registados de 2011 a 2013.

Figura 2 - Taxas brutas de mortalidade por 100 mil habitantes: doenças cerebrovasculares, doença isquémica do coração e enfarte agudo do miocárdio, no país, 2007-2017



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

A doença isquémica do coração esteve na origem de 6,6% dos óbitos em 2017

Ainda no conjunto das doenças do aparelho circulatório, registaram-se 7 314 óbitos por doença isquémica do coração, representando 6,6% da mortalidade em 2017. Trata-se de uma ligeira melhoria em relação ao ano anterior, em que ocorreram 7 368 mortes devidas a esta causa (menos 0,7%).

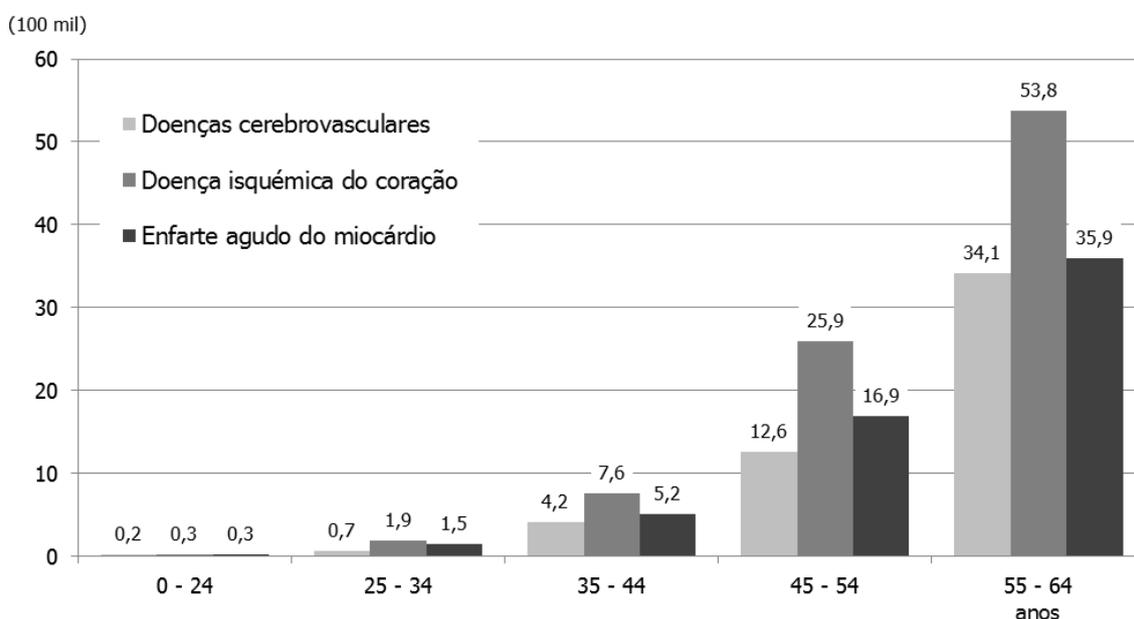
As mortes por doença isquémica do coração atingiram principalmente os homens, com uma relação de 135,1 óbitos masculinos por 100 femininos. A idade média ao óbito para as mulheres foi de 81,8 anos, mais 8,1 anos que nos homens (73,7 anos).

A taxa bruta de mortalidade devido à doença isquémica do coração foi de 71,0 óbitos por 100 mil habitantes em 2017, registando-se incidências crescentes nos grupos etários a partir dos 45 anos (cf. página 7, Figura 4.B).

Do total de óbitos por doença isquémica do coração, 82,5% foram de pessoas com 65 e mais anos e 65,3% de pessoas com 75 e mais anos, obtendo-se um número médio de anos potenciais de vida perdidos de 11,3 anos.

Por outro lado, em comparação com outras doenças do aparelho circulatório, nomeadamente as doenças cerebrovasculares e o enfarte agudo do miocárdio, a doença isquémica do coração apresenta taxas brutas de mortalidade mais elevadas nos grupos etários inferiores a 65 anos.

Figura 3 - Taxas brutas de mortalidade por 100 mil habitantes antes dos 65 anos, por grupo etário: doenças cerebrovasculares, doença isquémica do coração e enfarte agudo do miocárdio, no país, 2017



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

O enfarte agudo do miocárdio causou 4,1% dos óbitos em 2017

Em 2017, registaram-se 4 542 mortes por enfarte agudo do miocárdio, representando 4,1% da mortalidade em 2017 e um aumento de 3,6% em relação ao ano anterior (4 385 óbitos).

As mortes por enfarte agudo do miocárdio atingiram principalmente os homens, com uma relação de 136,9 óbitos masculinos por 100 femininos. A idade média ao óbito para as mulheres foi de 81,1 anos, mais 8,5 que para os homens (72,8).

Do total de óbitos por enfarte agudo do miocárdio, 81,2% foram de pessoas com 65 e mais anos e 62,7% de pessoas com 75 e mais anos (cf. página 7, Figura 4.D), obtendo-se um número médio de anos potenciais de vida perdidos de 11,3 anos.

De entre os tumores malignos, os relativos à traqueia, brônquios e pulmão foram os que mais mortes causaram

Os tumores malignos continuaram a constituir a segunda causa básica de morte em 2017, com 27 503 óbitos, ou seja, 25,0% da mortalidade total ocorrida no país, mais 0,5% que em 2016 (27 357 óbitos).

No conjunto destas doenças destacaram-se as mortes provocadas por tumores malignos da traqueia, brônquios e pulmão, que representaram 3,8% do total, e as causadas por tumores malignos do cólon, reto e ânus, com 3,5%.

Os tumores malignos da traqueia, brônquios e pulmão causaram 4 240 óbitos em Portugal em 2017, mais 3,8% que em 2016 (4 085 óbitos).

Estes tumores atingiram principalmente os homens, de forma muito expressiva, com taxas brutas de mortalidade muito diferentes entre homens (66,4 mortes por 100 mil residentes masculinos) e mulheres (18,5 óbitos por 100 mil mulheres residentes), que resultam numa relação de 322,3 óbitos masculinos por 100 femininos. A idade média ao óbito para as mulheres foi de 71,7 anos, superior à registada para os homens (70,0).

Do total de óbitos por esta causa, 67,6% foram de pessoas com 65 e mais anos e 37,5% de pessoas com 75 e mais anos, obtendo-se um número médio de anos potenciais de vida perdidos de 9,6.

A taxa bruta de mortalidade devido aos tumores malignos da traqueia, brônquios e pulmão foi de 41,2 óbitos por 100 mil habitantes, com valores significativamente crescentes para 45 e mais anos (cf. página 7, Figura 4.E).

As mortes por tumores malignos do cólon, reto e ânus ocorreram, em média, 5 anos mais tarde que os relativos à traqueia, brônquios e pulmão

Os tumores malignos do cólon, reto e ânus provocaram 3 852 óbitos em 2017, menos 1,5% que em 2016 (3 909 óbitos).

Os tumores malignos do cólon, reto e ânus atingiram principalmente os homens, com uma relação de 114,0 óbitos masculinos por 100 femininos. A idade média ao óbito para as mulheres foi de 76,4 anos, superior à registada para os homens (74,7).

As mortes por tumores malignos do cólon, reto e ânus ocorreram, em média, cinco anos mais tarde (aos 75,4 anos de idade) que as causadas por tumores malignos da traqueia, brônquios e pulmão (aos 70,4 anos).

Do total de óbitos por esta causa, 80,4% foram de pessoas com 65 e mais anos e 58,3% de pessoas com 75 e mais anos, obtendo-se um número médio de 10,0 anos potenciais de vida perdidos.

A taxa bruta de mortalidade devido aos tumores malignos do cólon, reto e ânus foi de 37,4 óbitos por 100 mil habitantes, com valores significativamente crescentes para 55 e mais anos (cf. página 7, Figura 4.F).

5,1% dos óbitos em 2017 foram causados por pneumonia, que atingiu principalmente as mulheres

As doenças do aparelho respiratório continuaram a constituir a terceira causa básica de morte em 2017, com 12 819 óbitos, ou seja, 11,6% da mortalidade total ocorrida no país, e menos 4,9% que em 2016 (13 474 óbitos).

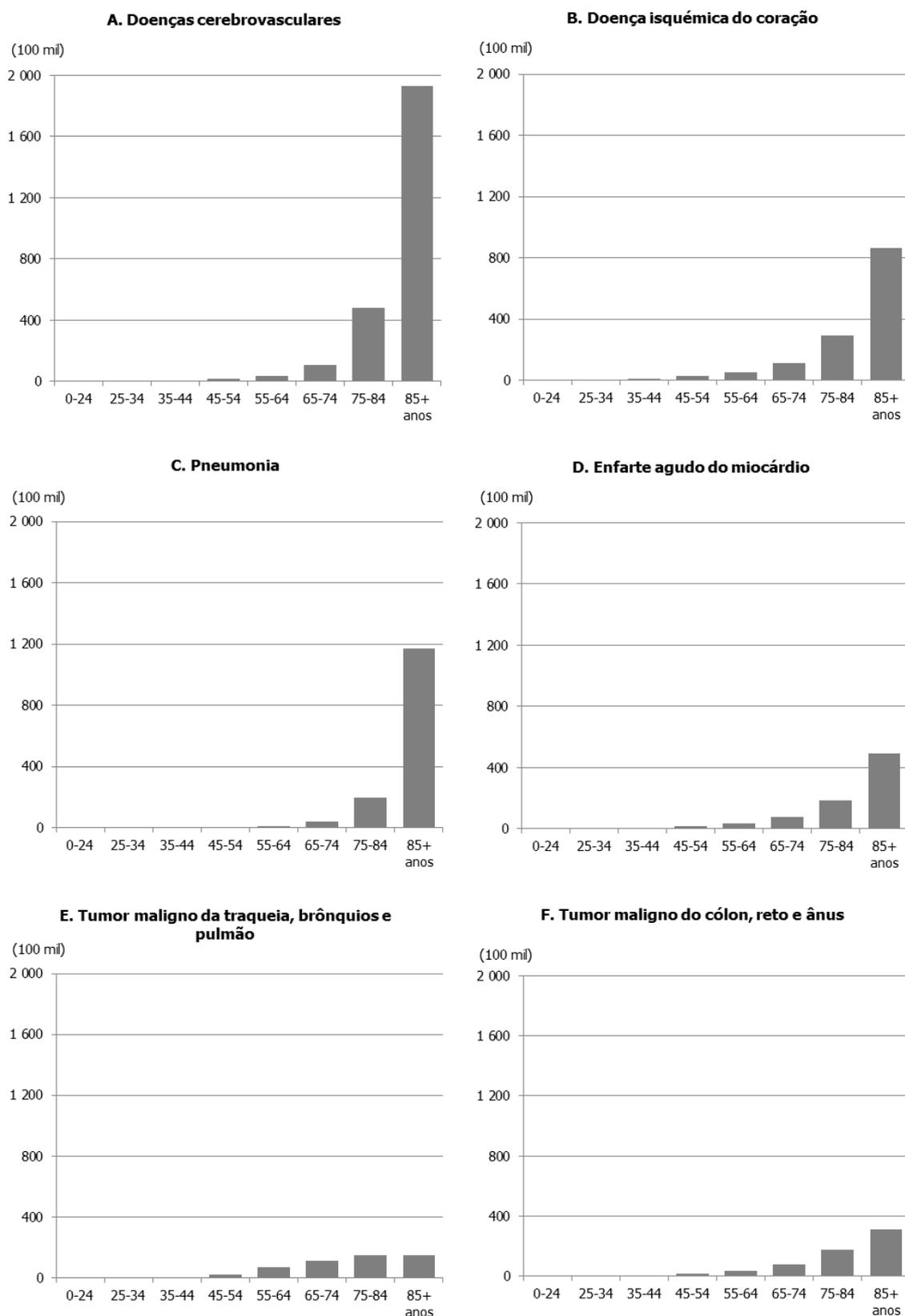
Entre estas, destacaram-se as mortes provocadas por pneumonia, com 5 623 óbitos, representando 5,1% da mortalidade em 2017 e uma taxa de 54,6 mortes por 100 mil habitantes.

As mortes por pneumonia atingiram principalmente as mulheres, com uma relação de 93,4 óbitos masculinos por 100 femininos. A idade média ao óbito para as mulheres foi de 82,1 anos, inferior em cerca de 3 anos à registada para os homens (85,2).

Do total de óbitos por esta causa, 95,2% foram de pessoas com 65 e mais anos e 87,9% de pessoas com 75 e mais anos, obtendo-se um número médio de anos potenciais de vida perdidos de 11,3 anos.

Por grupo etário (cf. página 7, Figura 4.C), a taxa bruta de mortalidade causada por pneumonia registou valores significativamente mais elevados para idades de 75 e mais anos e, sobretudo, aos 85 e mais anos (1 170,2 óbitos por 100 mil habitantes).

Figura 4 - Taxas brutas de mortalidade por algumas doenças por 100 mil habitantes, por grupo etário, no país, 2017



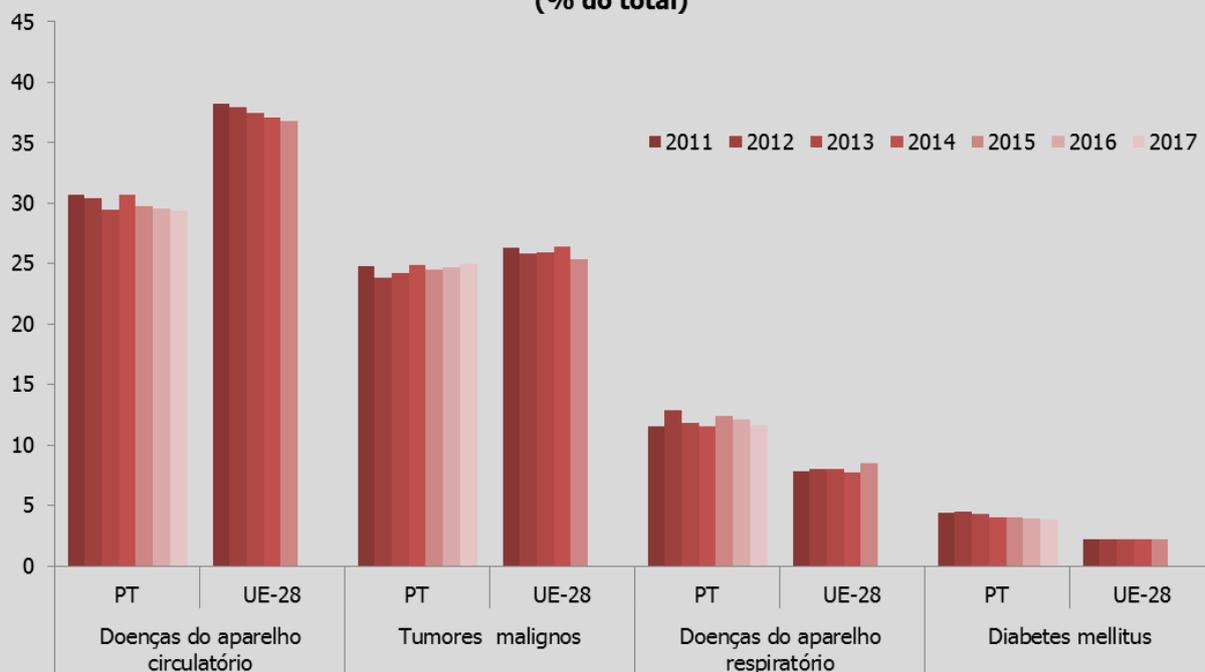
Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Comparação com a União Europeia

Os dados mais recentes publicados pelo Eurostat, relativos a 2015, indicam que, tal como na UE-28, as duas principais causas de morte são as doenças do aparelho circulatório e os tumores malignos, que estão na origem de mais de metade das mortes (em 2015, 54,2% em Portugal e 62,1% na UE-28). Em 2017, em Portugal, aquele valor foi 54,4%.

Contudo, as doenças do aparelho circulatório causam relativamente menos mortes em Portugal que na UE-28 em geral (em 2015, a percentagem de óbitos devidos a estas doenças foi 29,8% em Portugal, enquanto na UE-28 se registou uma proporção de 36,7%). Em 2017 e em Portugal este valor foi 29,4%.

Figura 5 - Óbitos por algumas causas de morte, Portugal 2011-2017 e UE-28 2011-2015 (% do total)



A incidência de mortes por tumores malignos no país é bastante próxima da registada na UE-28, apesar de ligeiramente inferior (em 2015, a percentagem de óbitos por tumores malignos em Portugal foi 24,5%, e na UE-28 foi 25,4%). Em 2017, o valor foi 25,0%, em Portugal.

Em contrapartida, em Portugal morre-se relativamente mais de doenças do aparelho respiratório (em 2015, 12,4% das mortes em Portugal e 8,5% das mortes na UE-28) e, sobretudo, devido à *Diabetes mellitus* (4,0% em Portugal vs. 2,3% na UE-28, em 2015). Em 2017, 11,6% e 3,8% das mortes em Portugal ocorreram, respetivamente, por doenças do aparelho respiratório e por *Diabetes mellitus*.

Nota técnica:

Os dados de óbitos por causas de morte resultam do aproveitamento de dados administrativos para fins estatísticos, de informação sujeita ao registo civil e recolhida junto das Conservatórias do Registo Civil através do Sistema Integrado do Registo e Identificação Civil (SIRIC) e através do Sistema de Informação dos Certificados de Óbito (SICO). A Direção Geral da Saúde colabora com o INE procedendo à codificação das causas de morte segundo a Classificação Internacional de Doenças (CID-10), da Organização Mundial de Saúde (OMS).

Anos potenciais de vida perdidos: Número de anos que teoricamente uma determinada população deixa de viver, se morrer prematuramente (antes dos 70 anos). Resulta da soma dos produtos do número de óbitos ocorridos em cada grupo etário pela diferença entre o limite superior considerado e o ponto médio do intervalo de classe correspondente a cada grupo etário

Idade média ao óbito: Quociente entre a soma do produto de cada ponto médio do escalão etário pelo número de observações, em cada escalão etário, e o número total de observações.

Número médio de anos potenciais de vida perdidos: Quociente entre o número de anos potenciais de vida perdidos e o número de óbitos com menos de 70 anos.

Relação de masculinidade ao óbito: Quociente entre os óbitos do sexo masculino e os do sexo feminino, por 100 mulheres.

Em http://www.ine.pt/portal/page/portal/PORTAL_INE/Publicacoes é possível visualizar a publicação “Causas de morte 2017”, associada a este Destaque.